



Ponto Urbe

Revista do núcleo de antropologia urbana da USP

6 | 2010

Ponto Urbe 6

Breves reflexões sobre o asfalto: novas e velhas questões na periferia de São Paulo

Alexandre Barbosa Pereira



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1590>

DOI: 10.4000/pontourbe.1590

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Alexandre Barbosa Pereira, « Breves reflexões sobre o asfalto: novas e velhas questões na periferia de São Paulo », *Ponto Urbe* [Online], 6 | 2010, posto online no dia 31 julho 2010, consultado o 07 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1590> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1590

Este documento foi criado de forma automática no dia 7 Maio 2019.

© NAU

Breves reflexões sobre o asfalto: novas e velhas questões na periferia de São Paulo

Alexandre Barbosa Pereira

- 1 No dia 26 de junho de 2010, estive no Grajaú em um evento organizado por jovens moradores da região sul da cidade, recém formados em jornalismo pela Universidade de Santo Amaro: Sueli, Tiago e Aline. Os dois primeiros, Sueli e Tiago, moram efetivamente no Grajaú, já Aline mora no Parque Arariba, nas imediações do distrito do Campo Limpo. Eles são colegas de curso de jornalismo e se formaram no final de 2009. Como trabalho de conclusão de curso resolveram produzir um vídeo-documentário sobre o bairro do Grajaú. O documentário captou depoimentos de alguns moradores, mas também de pessoas de fora, como do antropólogo que vos fala, e de uma coordenadora de uma ONG do centro da cidade. O foco era, segundo me contaram, apresentar um outro lado da periferia e do Grajaú, o das mobilizações da população em prol de melhores condições de vida. Após o sucesso da apresentação do trabalho final da faculdade, os três jovens resolveram inscrever um projeto no VAI¹ para a realização de uma série de atividades em torno do vídeo produzido e das temáticas nele suscitadas. Neste dia em que eu estive no Grajaú, eu participaria da primeira atividade que discutiria os novos movimentos sociais da periferia de São Paulo, intitulada: “Mano sim, com muito orgulho”. Os relatos destas e de outras atividades realizadas pelo trio podem ser acessados em seu blog: periferiaemmovimento.wordpress.com. Nele, sou apresentado como o “mano acadêmico” que participaria de um dos debates. O blog também traz uma série de outras informações sobre as outras atividades e interesses do grupo. Ao consultá-lo de modo mais atento percebemos como, na verdade, estes jovens estão inseridos em uma rede de relações mais amplas de movimentos de valorização da periferia por meio de iniciativas culturais como os saraus periféricos, os coletivos de audiovisual, o movimento hip hop etc..
- 2 O distrito do Grajaú fica em um dos extremos da região sul. Nele se situa uma das ramificações da Represa Billings, importante reservatório de água que abastece uma parte

dos municípios da Grande São Paulo. A região é marcada por ocupações irregulares nas áreas de mananciais à beira da represa. Estas vêm nos últimos tempos sofrendo forte ação do poder público municipal, visando desocupar as áreas de proteção ambiental, expulsando seus moradores dali. A grande reclamação das pessoas que são obrigadas a deixar suas casas, revelou-me Tiago, é a de que o valor da indenização seria muito baixo, permitindo apenas comprar, quando muito, um barraco em alguma outra favela em área de risco na cidade. O evento do qual participaria aconteceria no CEU Navegantes², no extremo sul do Grajaú, em um bairro conhecido como Cantinho do Céu. Tratava-se da apresentação do vídeo-documentário realizado pelos estudantes, seguida de um debate sobre a região e os novos movimentos sociais e culturais da periferia - do qual eu participaria - e de uma apresentação de rap com o grupo *Guetto Latino*.

- 3 Na verdade, não é a primeira vez que eu visitei essa região, pois, no ano anterior, eu havia concedido uma entrevista para o documentário, ali mesmo no CEU Navegantes³. Neste sábado, para chegar ao evento, que estava marcado para começar às 15hs, combinei de encontrar-me com Tiago na estação de trem do Grajaú. Aline, que fez o contato comigo, alertou-me para chegar por volta das 13:30, pois, afirmou: “nunca se sabe como estará aquela avenida”. A avenida de que fala Aline é a Belmira Marin, a única via de acesso aos bairros mais afastados do Grajaú como Cantinho do Céu, Jardim Gaivotas e Parque Residencial Cocaia. Esta avenida possui quatro pistas, destas, duas no sentido bairro, e outras duas no sentido centro. Porém, devido às paradas de ônibus e aos carros estacionados ou parados ao longo da avenida, a mesma acaba com apenas uma via disponível para a circulação de automóveis. O que ocasiona longos congestionamentos e tempos de deslocamento muito maiores. Eu já tinha ouvido, na outra vez em que estive no Grajaú, os relatos sobre o trânsito na avenida Belmira Marin e os problemas com o transporte público na região. Um grafite estampado em um muro do bairro, filmado pelos jovens no documentário, dizia: “Seja bem vindo ao Grajaú! Não se assuste com o trânsito que mata qualquer um!”.
- 4 Tiago pegou-me de carro em uma das saídas da estação Grajaú. Disse que iria por dentro para entrar na avenida Belmira Marin bem mais à frente, pois, segundo ele, o trânsito já começava a ficar complicado. Cortamos por ruas estreitas, terrenos baldios e campinhos de futebol. Em todo o percurso, muitos carros estacionados ou circulando pelas ruas. Quando o caminho alternativo encerrou-se, finalmente retornamos à avenida Belmira Marin. A partir deste ponto, o tráfego já começara a ficar mais intenso e a quantidade de carros estacionados nas ruas e nas calçadas também aumentara muito. Havia comércio maiores como as Casas Bahia e as Lojas Marabraz, a primeira de mobiliários e eletrodomésticos e a segunda apenas de mobiliários. Notavam-se também lojas de roupas e supermercados maiores com presença apenas em bairros da periferia de São Paulo, como a loja de roupas Di Gaspi e os Supermercados Rikoy. Havia muitas barracas de camelôs, inclusive com bares improvisados em barracas cobertas, em uma destas havia um espaço para se dançar forró e um aparelho de Vídeokê. Tiago mostrou-me uma viela que saía da avenida, disse que ela levava para um bairro inteiro, situado em uma das penínsulas da represa. Mais à frente pude avistar o bairro, uma grande concentração de casas de tijolo à vista, sem acabamento, à beira da represa, em uma enorme península.
- 5 No CEU Navegantes, as atividades começariam com a exibição do vídeo-documentário realizado pelos jovens, intitulado *Grajaú na construção da paz*. O filme teve como principal enfoque o distrito de Grajaú e uma ação promovida pela igreja católica e associações da região, chamado Evento pela Paz⁴. Contudo, o documentário transcendeu o movimento

pela paz e abordou as particularidades do bairro, problemas e potencialidades, a partir de entrevistas com os moradores. Dentre estes, um jovem ator, morador do bairro, que enfrentava grandes dificuldades econômicas para conseguir fazer o que gostava, atuar cenicamente. Após a exibição do vídeo, houve ainda a apresentação de um grupo de dança, formado por adolescentes⁵, e a apresentação do grupo *Guetto Latino*, este último fechou as atividades. Antes deste breve show de rap que encerrou os trabalhos, realizou-se um debate comigo, com o Banndog, vocalista do grupo de hip hop, e com a professora Dora Torres, coordenadora de um projeto chamado imprensa jovem de uma escola municipal da região, formado por alunos do ensino fundamental.

- 6 O evento foi relatado em tempo real por Tiago, via *Twitter*. Sueli coordenou a apresentação dos trabalhos e Aline encarregou-se de ouvir a opinião da platéia sobre os temas tratados no documentário e sobre as particularidades de se morar na periferia e, particularmente, no bairro do Grajaú. Assistiam às apresentações e ao debate cerca de 30 pessoas, entre familiares dos jovens, pessoas entrevistadas no documentário, organizadores do Evento pela Paz e articuladores de movimentos sociais na região. As pessoas foram indagadas se já haviam sofrido algum tipo de preconceito ou se haviam sido tratadas diferentes por morarem no Grajaú. A primeira menina respondeu que não, que não sentia nenhum tipo de tratamento diferente por ser moradora da periferia. Outros jovens, entretanto, revelaram que no trabalho eram sempre questionados por morar no Grajaú. Segundo eles, as outras pessoas sempre ficavam espantadas por morarem tão longe, perguntavam sobre a violência e zombavam indagando se onde moravam havia cavalos, se eles já estavam em área rural. Lembro-me que a primeira vez que perguntei ao Tiago, Aline e Sueli, os organizadores do evento, em minha ida anterior ao Grajaú, sobre qual seria a particularidade de serem jovens universitários moradores da periferia, eles já haviam citado esta reação de estranhamento dos outros colegas de trabalho que moravam em regiões centrais sobre o quão longe e diferente seria morar no Grajaú. Eles também comentaram esta associação, feita pelos outros de fora, entre o lugar onde viviam com a questão da violência e principalmente com o ambiente rural.
- 7 Em outro momento do debate, Sueli, também moradora da região do Cantinho do Céu, falou das transformações que ocorreram no bairro e pediu para que Paulo, integrante de um grupo de teatro da região chamado Identidade Oculta, relatasse o que ele achava que tinha mudado na localidade nos últimos tempos. Sueli disse que sabia que Paulo tinha um relato muito interessante, muito parecido com o dela. Paulo, então, falou sobre a chegada do asfalto na rua onde mora. Ele e Sueli destacaram que o asfaltamento das ruas onde residem na região foi uma das maiores conquistas do bairro. Paulo comemorou o fato de finalmente haver acabado o tempo de, em dias de chuva, chegar ao trabalho de galocha ou de levar papel higiênico para limpar o barro dos sapatos para as pessoas não perceberem que morava em uma rua não asfaltada. Estes comentários de Sueli e Paulo chamaram-me a atenção para a importância que o asfaltamento das ruas tem para os moradores de localidades periféricas. Lembro-me de ter participado de um trabalho de entrevista com lideranças de associações de diferentes distritos da periferia de São Paulo⁶ em que não apenas o asfalto era apontado como uma das maiores conquistas, como era destacado como um momento de virada do bairro, que indicava para uma consolidação das conquistas das regiões periféricas da cidade. O asfaltamento das ruas aparece, portanto, neste contexto, ao mesmo tempo, como conquista política e signo de urbanidade. Com ele, surge um outro elemento muito apontado por lideranças comunitárias, mas também por alguns dos moradores do Grajaú no CEU Navegantes, como um sinal de progresso: o

desenvolvimento do comércio local, principalmente no que se refere à presença de grandes redes de lojas. Alguém exclamou para ressaltar o quanto o bairro havia progredido: “Hoje tem até Casas Bahia aqui!”.

- 8 Atualmente, o poder público municipal atua de forma mais intensa no sentido de retirar os moradores das áreas de mananciais. No Grajaú, uma parte dos que têm as suas casas nas áreas mais próximas à represa tem sido expulsa em troca de uma indenização irrisória. Há que se perguntar porque este mesmo poder público não atuou anteriormente garantindo àquela população moradia em local apropriado e impedindo a ocupação das áreas de mananciais? Em tempos nos quais o discurso ambiental e da sustentabilidade tem conquistado cada vez mais aceitação entre um público mais amplo, mostra-se importante refletir sobre a complexidade das diferentes interpretações locais sobre a modernidade e o progresso. No caso de muitas localidades periféricas de São Paulo, o asfalto e o desenvolvimento comercial são apontados como importantes sinais de modernidade. Na periferia de São Paulo, hoje, muitos moradores, ao falarem sobre seu bairro, comentam, como aspectos positivos, o seu progresso a partir da conquista do pavimento das ruas e do surgimento de inúmeros e variados estabelecimentos comerciais. Pode-se depreender que tanto o asfalto quanto o comércio não apenas são signos de urbanidade - tanto pela superação do barro, sinal de ruralidade e/ou de atraso, quanto pela facilidade de conseguir em seu próprio bairro produtos que antes exigiam um deslocamento considerável - como também conquistas dos movimentos sociais dos bairros periféricos da cidade que têm atuação mais intensa a partir de meados dos anos 1970. A comemoração da chegada do asfalto a determinadas ruas do Grajaú mostra que as reivindicações e lutas destes movimentos por infraestrutura urbana ainda são atuais.
- 9 Contudo, a própria mobilização destes três jovens universitários, recém formados, moradores de bairros periféricos, em torno do vídeo-documentário sobre o Grajaú também demonstra como novas formas de mobilização social têm surgido na cidade em aproximação ou distanciamento com as antigas reivindicações. Para estes novos movimentos, a produção artística e a reflexão cultural têm sido instrumentos importantes de atuação e reivindicação. Potencializados por iniciativas do poder público, como a criação de espaços culturais e de encontro nos CEUs, a oferta de incentivos financeiros a projetos culturais de jovens que atuem em regiões periféricas ou mesmo a maior possibilidade de acesso ao ensino superior, os chamados movimentos culturais têm se estendido por diferentes bairros da cidade por meio de encontros literários, rodas de samba, shows de hip hop, produções audiovisuais e mesmo oficinas de arte em associações de bairro e organizações não governamentais. Porém, ainda são indefinidos os pavimentos que estas manifestações culturais têm construído na periferia. Quando acabou o evento no CEU Navegantes, Tiago pediu aos seus pais que me dessem uma carona até a estação de trem do Grajaú para que eu pudesse voltar para casa. Passava das seis horas da tarde do sábado, mas a famigerada avenida Belmira Marin, já estava parada, seguimos de carro por ruas secundárias e assim evitamos parte do trânsito. Mais uma vez a importância do asfalto foi ressaltada, no caminho, ainda nas proximidades do CEU, o pai de Tiago comentou que há uns quatro anos não conseguiríamos passar de carro por aquela rua, pois antes não havia asfalto ali, apenas pedregulhos.

NOTES

1. Programa de Valorização de Iniciativas Culturais fomentado pela Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo que contempla, com apoio financeiro, projetos culturais elaborados por jovens em sua maioria da periferia de São Paulo. Os projetos são avaliados por uma comissão julgadora que escolhe os que receberão os recursos financeiros. Um dos requisitos para a realização destes projetos é o retorno do mesmo à população por meio de apresentações, debates ou palestras.
2. Os CEUs são os Centros de Educação Unificado, criados durante a gestão da prefeita Marta Suplicy em 2001. Os CEUs, além da escola, reúne uma série de equipamentos esportivos e culturais em um mesmo espaço, como ginásios esportivos, piscinas, biblioteca, teatro etc., nos quais ocorrem eventos como cursos, campeonatos, shows, apresentações artísticas, entre outras. Atualmente, há 44 Centros Educacionais Unificados na cidade de São Paulo, localizados em bairros periféricos.
3. Porém, eu já visitara o Grajaú e a região do Cantinho do CEU em outras ocasiões. Uma delas durante a participação na Expedição São Paulo 450 anos (2004).
4. O evento consiste em marcha pelo bairro e apresentações artísticas sobre o mote da paz. Esta atividade, conforme relatos apresentados no vídeo, iniciou-se em um período em que houve muitos homicídios na região.
5. Eles apresentaram uma coreografia de música country, mas o grupo afirmou dançar diferentes estilos.
6. Trabalho realizado para um projeto da Secretaria de Estado da Cultura.

AUTHOR

ALEXANDRE BARBOSA PEREIRA

Doutorando em Antropologia Social (USP)